



Vol. 27, nº 2 (2024)

PERPETUAÇÃO DA EXPLORAÇÃO COLONIALISTA POR MEIO DA IGREJA EM SALVAR O FOGO¹

THE PERPETUATION OF COLONIALIST EXPLOITATION THROUGH THE CHURCH IN SALVAR O FOGO

Carlos André de Alcântara da Silva²

Recebimento do Texto: 02/08/2024

Data de Aceite: 30/08/2024

Resumo: Objetiva-se destacar com este trabalho a relação entre a igreja e a perpetuação de situações e imposições de exploração em diversos aspectos. Para discutir essa relação, fez-se um recorte privilegiando as personagens principais da narrativa, Luzia e Moisés, as quais são diretamente afetadas pela igreja. Para aprofundamento da discussão, utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica e mobilizaram-se os conceitos e teorias de Bhabha (1998), Frantz Fanon (2008), Alfredo Bosi (1992), Mignolo (2017), Bento (2022) e Memmi (2007).

Palavras-chave: Salvar o Fogo. Colonialismo. Igreja. Resistência. Violência.

Abstract: The aim of this work is to highlight the relationship between the church and the perpetuation of situations and impositions of exploitation in various aspects. To discuss this relationship, a focus was made on the main characters of the narrative, Luzia and Moisés, who are directly affected by the church. To deepen the discussion, the bibliographic research method was used and the concepts and theories of Bhabha (1998), Frantz Fanon (2008), Alfredo Bosi (1992), Mignolo (2017), Bento (2022) and Memmi (2007) were mobilized.

Keywords: Salvar o Fogo. Colonialism. Church. Resistance. Violence.

¹ Uma versão resumida desse texto foi publicada nos Anais da *IV Semana Acadêmica de Pesquisa e Inovação da PRPPG*.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Bolsista CAPES. E-mail: carlos.andre@unemat.br



Introdução

A obra objeto desta análise é *Salvar o Fogo*, de Itamar Vieira Junior, vencedora do Prêmio Jabuti (2024) na categoria Romance Literário. O livro é composto por quatro capítulos, sendo: *A vingança tupinambá*, *Luzia do Paraguaçu*, *Manaíba* e *A alma selvagem*. Os dois primeiros são narrados em primeira pessoa e os dois últimos sob a perspectiva de um narrador onisciente. A imposição e manutenção das condições colonialistas são feitas pela igreja. Esses temas, que são o objetivo desta análise, estão presentes na Tapera, uma aldeia distante do grande centro e o local em que ocorre a maioria da narrativa.

Segundo Santiago (2000, p. 23), “O escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a fiesta, colônia de férias para turismo cultural”, de fato Itamar em *Salvar o Fogo* desnuda a história com personagens oprimidas, violentadas e em condições adversas, que até então se encontravam em situação de esquecimento.

A personagem Luzia é uma mulher negra e corcunda, o que faz com que se intensifiquem as ofensas dirigidas a ela. Moisés, seu “irmão”/filho, criado também como filho de Mundinho, um descendente dos povos originários e de Alzira, uma mulher negra que busca clarear sua família almejando uma ascensão proveniente dos privilégios de uma branquitude, “Minha mãe, minha velha mãe, andou no seu tempo; minha boa mãe que sonhava com uma família mais clara destinada a ser salva da miséria pela sorte que só a gente branca pode ter” (Vieira-Junior, 2023, p. 135).

Esse aspecto de melhorar a raça, introjetado em Alzira, que sonhava com esse momento e a busca constante pelo embranquecimento, também são discutidos por Fanon (2008, p. 57), em *Pele Negra, Máscaras Brancas*:

Pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar “a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram”, mas para assegurar sua brancura.

A temática do embranquecimento e muitas outras permeiam a narrativa, mas busca-se deter esta análise na relação de Luzia e Moisés com a igreja, bem como das



personagens com a terra, envolvendo disputas pela posse e a história colonial marcada pela resistência.

Alzira assume o filho de Luzia, que foi fruto de uma violência sexual, fato que a fez ter uma repulsa pela gestação. Perseguida pelo povo, por conta da influência da igreja, que era contra qualquer manifestação que diferisse das matrizes católicas e colocou Luzia como personificação do “Mal” para o povo da Tapera: “Já se encontrava marcada como o demônio, talvez tenha achado que, além da filha, o Menino estaria em risco” (Vieira-Junior, 2023, p. 258). Por isso, Alzira temia que ambos (Luzia e o filho) fossem ainda mais julgados e perseguidos pelo povo.

No romance, ainda há outras situações de violência sexual, protagonizadas por representantes da igreja. Além das demais imposições e abusos de autoridade, ocorrem os casos de pedofilia. Moisés foi também vítima de Dom Tomás, o abade do mosteiro instalado na região, quando o “Menino” como também é chamado Moisés ao longo da narrativa, relata o fato para Luzia, sendo considerado mentiroso, acusação que motiva a sua saída da Tapera.

O retorno de alguns personagens para a região ocorre, pois o pai de Luzia e Moisés se acidenta suspeitamente num incêndio que ocorreu em uma roça de cana próxima e atribuem-lhe a culpa do infortúnio por estar bêbado. Nos seus momentos finais, expressou um desejo por rever todos os seus filhos, que haviam partido pelo mundo afora em busca de um destino diferente do que poderiam ter se permanecessem morando naquela localidade. Os filhos de Mundinho são Isaura, conhecida como Zazau, Joaquim, Raimundo, Humberto, Mariinha, personagem que aparece em Torto Arado (Maria Cabocla) e “Moisés”.

Desenvolvimento

Os habitantes da Tapera precisam negar suas raízes culturais e viver sob a tutela da igreja que reprime qualquer tipo de outras práticas religiosas, já que “Havia muito que essa vida passada era rejeitada por sua gente, que aos poucos se tornou outra, pois passou a acreditar nas palavras dos forasteiros” (Vieira-Junior, 2023, p. 14). Essas imposições fizeram com que o povo se tornasse outro, sem religião e cultura.



Sob a perspectiva de Bosi (1992, p. 69), que analisa os autos de Anchieta, cujo efeito é semelhante aos sermões que os padres do mosteiro vão ter durante a narrativa e que, em parte, tinha o objetivo de condenar e demonizar as práticas que fogem à moral católica:

A doutrina católica oficial, nesse limiar da modernidade leiga ou heterodoxa, que é o século da Renascença e da Reforma, procurava apagar os vestígios animistas ou mediúnicos do comportamento religioso. É o tempo da perseguição implacável à magia, tempo de caça às bruxas e aos feiticeiros, de resto não só na Espanha e em Portugal.

Em certos momentos, os habitantes da Tapera se perseguem incitados pelos sermões, a executar uma perseguição que teve Luzia como vítima: “Formaram uma brigada para vigiar o Mal e logo os moradores da aldeia começaram a inquirir as crianças” (Vieira-Junior, 2023, p. 268). Os sermões dos padres visavam extirpar o “Mal” do meio deles, então essa ocultação de suas matrizes advindas dos povos originários e africanos é motivada pelo discurso vindo da igreja. Isso acaba alienando o povo dessa região, assim como bem destaca Bhabha (1998, p. 74):

As formas de alienação e agressão psíquica e social - a loucura, o ódio a si mesmo, a traição, a violência - nunca podem ser reconhecidas como condições definidas e constitutivas da autoridade civil, ou como os efeitos ambivalentes do próprio instinto social. Elas são sempre explicadas como presenças estrangeiras, oclusões do progresso histórico, a forma extrema de percepção equivocada do Homem.

O mosteiro ergue-se como o centro da Tapera e também das vidas daquele povo que não tem outra escolha e traz consigo uma série de imposições e inclusive cobranças feitas ao povo:

O mosteiro era uma construção antiga erguida entre o rio e as ruas da Tapera. Toda a vida da aldeia acontecia em seu entorno: as referências, o tempo, a história, era como se nada tivesse existido antes do mosteiro. Como se as pessoas, a terra e tudo mais só tivesse ganhado vida depois de sua edificação. Era assim que se contava, até que, bem mais tarde, eu pudesse compreender a associação de evento que nos levou àquela situação (Vieira-Junior, 2023, p. 27).

A respeito dessa concepção de centro figurada por esse mosteiro presente na região, pode-se destacar que em relação à Tapera, vê-se claramente uma dualidade entre o centro, constituído pela igreja e a periferia, que é a população da Tapera:



Esses pontos sucessivos se leem como um raciocínio contínuo. Jogar explicitamente com o singular e o plural do termo centro impõe a condição de que se revise e que se reduza toda referência à dualidade do centro e da periferia - dualidade historicamente marcada se consideramos os domínios culturais e literários. Sair de tal dualidade leva a considerar os combates pelo conteúdo, ligado aos jogos dos centros, como combates simétricos e assimétricos, que confirmam a necessidade de colocar o termo centro no plural. Esses próprios combates indicam que não há mais lugar designado pelo comando da história: é preciso falar das histórias e das historicidades específicas, que são as razões de ser dos centros; esses centros são, eles próprios, os “interpretantes” dos centros estabelecidos que parecem prevalecer (Bessière, 2011, p. 3).

No entanto, como destacado, quando se vai além dessa dualidade em situações de embates assimétricos entre centros, as relações são diferentes: “Muito próximo de nós havia um mosteiro, uma construção imponente, que ocupava o espaço tumultuado dessa cidade sem grande interferência, diferente de toda a vida da Tapera girando em torno da igreja, das missas e dos sermões do abade” (Vieira-Junior, 2023, p. 82). Assim como Moisés observa, percebe-se que na cidade a igreja já não se estabelece com um centro totalitário que exerce controle, como ocorre com a população da Tapera que está à mercê desse centro que dita as normas de sua vida. Em meio à cidade é apenas mais um no jogo dos centros.

Na obra *O Pacto da Branquitude*, a autora Cida Bento, também discorre sobre um grupo que se impõe no centro das relações, incluindo o etnocentrismo, que estabelece um modelo e os demais fora desse padrão, considerados “minoritários” e periféricos, a quem é dirigido e projetado a raiva e o ressentimentos desse grupo no centro:

Na perspectiva da personalidade autoritária está a convicção de que a visão de mundo de seu próprio grupo é o centro de tudo, e os demais são compreendidos a partir de seu modelo, ou seja, o etnocentrismo. Outra característica é que a personalidade autoritária requer um inimigo, porque precisa sempre projetar “para fora”, em grupos considerados “minoritários” e periféricos, a raiva e o ressentimento sociais (Bento, 2022, p. 44).

A igreja se estabelece como o centro em grande parte da narrativa, na região da Tapera e impõe o seu modelo. Isso faz com que se torne o alvo da raiva e dos ressentimentos de qualquer um que descumpra os preceitos católicos e também de parte desse grupo periférico, a personagem Luzia era o principal alvo do povo da Tapera.



Luzia passou a trabalhar como lavadeira do mosteiro para tentar evitar os julgamentos das pessoas, pois estaria a serviço da igreja: “Quiçá acolhida pelos padres, servindo a Deus como uma boa lavadeira, conseguiu fazer com que os vizinhos me olhassem com mais respeito e, por fim, esquecessem do que me acusavam” (Vieira-Junior, 2023, p. 154). Além disso, esse emprego possibilitou que conseguisse uma vaga na escola do mosteiro, para Moisés ser alfabetizado.

Ele aprendeu a ler e aspirava um futuro diferente dos moradores da Tapera, mas foi abusado por Dom Tomás. Inicialmente não compreendia ao certo o que estava ocorrendo, mas quando presenciou o abade com outra criança, passou a entender o que ocorria:

Havia uma criança sentada numa cornija que, num primeiro momento, não cheguei a reconhecer. Dom Tomás estava ajoelhado à sua frente, os olhos fechados, a cabeça balançando, sua respiração rumorosa inundou então os meus ouvidos (Vieira-Junior, 2023, p. 65).

Moisés passou então a evitar a escola, assustado com a possibilidade de que o abade o tivesse visto e temendo as possíveis consequências e punições. Luzia estranha o comportamento dele, que deixou de frequentar a escola e se viu obrigado a revelar-lhe o abuso que presenciou. O seu relato fica em segundo plano, pois ela pensa na reação do povo da aldeia que já a acusa e persegue e como isso poderia piorar caso se colocasse de fato contra a igreja: “O Menino tinha a boca queimada de mentiras, atacava a santidade da Igreja, portanto dessa vez o povo da Tapera não iria me perdoar” (Vieira Junior, 2023, p. 162).

Certo tempo após a fuga de Moisés da região da Tapera, que fora motivada pela falta do apoio que esperava de sua família, Luzia também presencia Dom Tomás com um menino durante o banho. Arrepende-se profundamente por não dar crédito ao que ouviu de Moisés e afasta-se de suas atividades na igreja.

Pouco antes de receber o telefonema para retornar para Tapera junto aos demais “irmãos”, Moisés se deparou com Dom Tomás no restaurante onde trabalhava. O abade estava velho e debilitado, tendo que viver no mosteiro próximo ao local sob os cuidados de outras pessoas.



Como a figura de Dom Tomás ressalta presente na narrativa, alguns dos próprios religiosos que se escondem sob a máscara da moralidade também violentavam as pessoas nas colônias:

Mesmo assim, a Igreja nunca conseguiu erradicar a exploração sexual de mulheres consideradas de baixa posição social e “sanguínea”, e os religiosos, notórios por seus próprios abusos sexuais nas colônias, não cumpriam estritamente esses preceitos (Stolke, 2006, p. 33).

O que ocorreu com Moisés ilustra uma situação de violência sexual praticada por um membro da Igreja e segundo Rodrigues (2014, p. 234–235), nessas situações ocorre um paradoxo, pois a Igreja é quem por vezes atua na interdição da sexualidade e alguns de seus membros acabam protagonizando tais fatos:

Portanto, o poder pastoral pode ser considerado um dos pilares que sustentam a Igreja. E as denúncias de abuso sexual infantil, por uma parte desses indivíduos responsáveis pela condução da alma e da salvação dos indivíduos, podem ser consideradas verdadeiro escândalo lógico para a liturgia católica e confusão de significados para a sociedade, especialmente para a sociedade cristã, que legitima a autoridade do pastor (ou do padre) e reconhece esse poder que conduz à salvação.

Em suma, não há no abuso sexual infantil cometido por um padre algo per se que explicaria o ato. A violência sexual cometida por um clérigo não se diferencia da violência praticada por um médico, um professor, um treinador, um familiar ou alguém desconhecido. A diferença está na interpretação da sociedade ao fato e no abalo “sócio-lógico” causado pelo representante da instituição religiosa, responsável pela criação de preceitos morais que atribuem à criança a noção de pureza angelical e, ao mesmo tempo, interdita o prazer sexual do adulto e impõe o celibato aos sacerdotes.

Quando Moisés confronta Dom Tomás, após muitos anos, recebe dinheiro do abade para que se mantenha em silêncio diante de tal situação e evite o escândalo que isso poderia ocasionar. No entanto, Moisés está em busca de justiça: “Eu deveria esperar a próxima vez, a derradeira, antes de tragar seu espírito no meu ritual de vingança” (Vieira Junior, 2023, p. 83).

O pai de Luzia sempre foi contra as cobranças do foro, pago para garantir a posse da terra, que era feita por alguns moradores influentes da região em nome da igreja. Por ser um descendente dos povos originários, achava absurda aquela cobrança: “Sem disfarçar a indignação, dizia que a igreja era rica. Seus avós haviam nascido naquelas terras antes de a Ordem chegar. Essa confusão entre tempo e história sempre bailava todos” (Vieira Junior,



2023, p. 36). Mundinho e outras pessoas algumas vezes revivem as discussões sobre de quem seria o direito de posse daquelas terras.

Mesmo contra a vontade do pai, Luzia pagava o foro e guardava com cuidado os comprovantes que lhes davam: “Esse recibo com carimbo de pago se tornava um documento valioso guardado pelas famílias. Tinha a importância de uma escritura, ainda que não tivesse de fato valor algum” (Vieira Junior, 2023, p. 35). Quando Mundinho morre, aparecem trabalhadores alegando que o patrão comprou aquelas terras e tem uma escritura, além de dizer que as notas apresentadas por Luzia não têm relevância alguma.

Após o mosteiro ser incendiado pela segunda vez, muitas famílias abandonam a região, mesmo assim permanecem as cobranças. E novos cobradores com interesses em dinheiro começam a vender as terras:

Não havia mais igreja para ditar regras, embora os cobradores de foro lá estivessem para azucrinar a vida. Não era Mãozinha, muito menos Chico da Colmeia, velhos e sem voz. Eram homens de quem não se havia notícia, apoiados pelos que não se importavam com vivalma na aldeia. Viram no dinheiro esperança e promessa que já não viam nas terras de antes (Vieira Junior, 2023, p. 229).

Luzia, juntamente com seu pai, se negava a pagar para esses homens que não representavam a igreja e não tinham nenhuma autoridade sobre as terras. Quando Mundinho falece, fica sozinha na Tapera e se mostra determinada a lutar pela terra que era tudo o que lhe restara.

Durante muito tempo, viveu com medo constante e precisava se sujeitar aos padrões, como ir à igreja e se portar como uma beata: “Durante trinta anos usei trança feito uma beata para que a Tapera me deixasse em paz” (Vieira Junior, 2023, p. 99). Teve de assumir essa imagem para sobreviver:

Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora - é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação - isto é, ser para um Outro - implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação, como inferimos dos exemplos precedentes, é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem (Bhabha, 1998, p. 76-77).



Memmi (2007, p. 143) também discorre sobre a questão da identidade: “Enquanto suporta a colonização, o colonizado tem como única alternativa possível a assimilação ou a petrificação”. Luzia teve de se “assimilar” para conseguir viver.

Certo dia, devido a uma dor de dente que não cessou com os antibióticos que tinham à disposição, viu pela primeira vez sua mãe praticar as simpatias e usar os conhecimentos sobre as ervas das matas, que foram transmitidos de geração em geração, mas mesmo assim com muito receio: “Não gosto de mexer com essas coisas, Luzia, Deus não gosta porque tem parte com a religião de gente feiticeira, não mexemos mais com magia na tapera” (Vieira Junior, 2023, p. 133). Por conta das imposições dos padres, o povo deixa de praticar abertamente suas religiões e, quando o faz, é em segredo, temendo serem reprimidos.

As perseguições à Luzia se iniciaram no período de uma severa seca. Havia queimadas constantes na região e Luzia, por observar o fenômeno diversas vezes, se divertia tentando adivinhar qual seria o próximo local dos focos de incêndio: “Quando se encontravam juntas antes do meio-dia, Luzia dizia: ‘Espiem’, e então apontava para um lugar qualquer carregado de uma energia que apenas ela sentia” (Vieira Junior, 2023, p. 267).

Soma-se ao fato das queimadas a acusação de que Luzia também estaria envolvida no desaparecimento de sua amiga Edite, que, na verdade, está relacionado ao mesmo homem que abusou dela e também de diversas outras mulheres quando passava pela região da Tapera.

Contudo, chega o momento em que rompe com isso, farta de toda submissão e por já não ser mais uma criança como na primeira vez em que foi perseguida pelo povo em busca do “Mal” que estaria no meio deles, segundo as pregações dos padres:

A tapera se levantou contra mim de novo. Da primeira vez eu era uma menina assustada, amedrontada, pelos mistérios do Céu, pela presença assustadora de Deus, e por meus pensamentos imaturos. Mais tarde eu já era Luzia, lavadeira do Paraguaçu e não seria como antes [...] Ensinada por eles, aprendi a ter medo de mim mesma (Vieira Junior, 2023, p. 100).

Quando foi acusada novamente, assim como em sua infância, precisou se impor contra aqueles que a perseguiram. Agora já estava velha e “forjada” diante de todas as dificuldades de sua vida.



Luzia constata muito tempo depois que todas as intrigas da Tapera e a existência de um “Mal” propagado nos sermões pelos padres e que assolava a todos, principalmente ela própria, que se tornou uma personificação disso: “Comigo foi pior porque o povo da Tapera começou a dizer: ‘as desgraças que se abatem sobre nós são culpa da menina Luzia’” (Vieira Junior, 2023, p. 110). Na verdade era um artifício usado para dividir o povo:

O Mal foi plantado pelos senhores de terra. Tinha sido regado pelos padres que habitavam o mosteiro de Santo Antônio. Não saía mais da minha cabeça que nos dividiram para nos enfraquecer. Tudo se iluminava na medida em que me assombrava (Vieira-Junior, 2023, p.176).

Perceber que esse “Mal” propagado nos discursos é usado para enfraquecer e manter o povo sob o jugo da igreja assemelha-se ao que Mignolo diz sobre a criação de uma ficção para manter o domínio sobre o colonizado, mas isso pode ser rompido, assim como Luzia, que começa a se impor:

De tal forma, uma vez que percebe que sua inferioridade é uma ficção criada para dominá-lo, e se não quer ser assimilado nem aceitar com a resignação “a má sorte” de ter nascido onde nasceu, então desprenda-se. Desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer obedecer. Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e re subjetivar- se (Mignolo, 2017, p. 19).

Com a morte do pai, Luzia torna-se a única moradora de sua família na Tapera e divaga pelas histórias contadas por sua avó sobre o passado e do lugar onde agora está disposta a lutar para permanecer: “Há dias, Luzia retorna a uma das muitas histórias contadas por sua avó Didita, depois por seu pai, e que diz respeito às crenças dos pioneiros” (Vieira-Junior, 2023, p. 302).

Assegurar a permanência daquele pedaço de terra tornou-se uma prioridade para ela: “Agora só queria demarcar sua posse naquele pedacinho de mundo, como se faltasse o rito para entenderem que aquele chão era seu por direito e a ancestralidade” (Vieira Junior, 2023, p. 248). Queria preservar a terra que foi o sustento de sua família e o lugar onde apesar de tudo constituiu sua identidade.

Quando retorna ao mosteiro, abandonado após ter sido tomado pelo fogo vivencia as histórias de seus antepassados e as junta com as suas: “Ela reúne os fios da história



como se dispusesse de um tear e urdisse um cobertor para estender sobre a Tapera” (Vieira-Junior, 2023, p. 282).

Luzia teve visões do início da colonização, com a imposição de trabalhos forçados aos povos originários e a chegada de navios negreiros com escravos para a construção do mosteiro. Viu as diversas torturas que eram dirigidas aos indígenas: “Ela fecha os olhos quando não se sente capaz de assistir ao sofrimento. Aquela dor também é sua e percorre o seu corpo cada vez mais vulnerável. Luzia precisa proteger a mente e o coração” (Vieira Junior, 2023, p. 282–283), e como isso motivou a rebelião desses povos contra os seus opressores, ocorrendo o primeiro incêndio ao mosteiro antes de sua restauração: “Um dos cativos ergue a enxada e golpeia a cabeça de Dom Lucas. Foices, enxadas e barras de madeira destroçam seu corpo. [...] ‘Matamos o Diabo. Está estirado na porta da igreja’” (Vieira Junior, 2023, p. 284), após isto incendeiam a igreja e o canavial onde eram forçados a trabalhar.

Ao visitar o mosteiro, podia ouvir os ecos de seus antepassados e descobrir mais sobre sua própria história, assim como as memórias contadas por sua avó e pais: “Naquela fração do mundo estava a narrativa de sua gente, diziam seus pais num tempo já remoto, embora o povo não mais recordasse. Pisaram e guerreararam sobre o solo, sobre os mantos encarnados de penas de aves” (Vieira Junior, 2023, p. 273). Luzia, na trajetória final do romance, constrói seu próprio manto para fazer frente às invasões em sua terra.

Ecléa Bosi (1987, p. 31) ressalta o caráter de socialização da memória e a figura da pessoa de idade que repassa o que viveu, assim como Luzia ouvia as histórias de seus familiares:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.

Outro traço do povo tupinambá, ao qual pertencem os antepassados de Luzia e Moisés, apresentado ao longo da obra, é o ritual antropofágico, para se defender dos invasores:

Decidem então que serão devorados, como aqueles cuja punição é irrevogável. Mas para tanto precisam se tornar humanos. É quando raspam seus pelos porque são parecidos com uacuris, e cortam seus cabelos como os dos homens da aldeia.



Vol. 27, nº 2 (2024)

Depois pintam seus corpos e se sentam para comer e beber Cauim por alguns dias, vivendo juntos como se fossem uma família. Todos dançam sem suspeitar que a morte está à espreita (Vieira Junior, 2023, p. 281).

Próximo ao fim da narrativa, as personagens Moisés e Luzia se apropriam de traços de sua cultura para combater e se tornar espinho no coração do mundo e daqueles que os oprimem:

Sim, levá-los a tomar consciência das oportunidades que desperdiçaram, da passividade que demonstraram em situações, onde, justamente, teria sido preciso, tal qual um espinho, enfiar-se no coração do mundo, forçar, se preciso for, o ritmo do coração do mundo, deslocar, se necessário, o sistema de comando; em todo caso, seria preciso, com determinação, enfrentar o mundo (Fanon, 2008, p.80).

É por meio de uma ressignificação dos rituais antropofágicos que figuram as ações de Moisés, ao despir o poder de Dom Tomás, pegando tudo o que tinha de valor e fazendo-o se lembrar dos abusos. Isso levou o abade ao colapso: “Dom Tomás foi despido de todo o poder pelo medo e pela culpa, destituído da riqueza acumulada ao longo dos anos de injustiças e abominações” (Vieira Junior, 2023, p. 312). Moisés o confronta citando o nome das crianças que via entrar em sua sala e o abade, em vão, tenta se justificar.

Considerações Finais

No recorte colocado em discussão, percebe-se a representação da manutenção das condições do colonialismo e a substituição de uma forma de poder abusiva por outra. Essa troca da instituição religiosa que foi sendo substituída por uma fragmentação de latifundiários que se aproveitaram de um povo que não era assegurado, não possuía comprovantes ou sequer conseguia permanecer na terra e pagar o que lhes era cobrado.

Luzia, ao longo da narrativa, se aprofunda no contato com a sua ancestralidade e começa a fazer resistência aos que exploram e almejam tomar as terras que estão em sua família por várias gerações.

Moisés, inicialmente ficou desassistido, por conta do medo de Luzia frente ao julgamento do povo e também de enfrentar o poder que a igreja representava. Na trajetória, o abuso e falta de carinho que sentia em seu lar desencadearam diversos problemas, mas ao



fim, assim como Luzia, ele resiste e luta. Refaz parte do ritual de seu povo de maneira simbólica, devorando e combatendo pouco a pouco a figura de Dom Tomás. Assim como seus antepassados, também empreenderam combates aos colonizadores, às violências e abusos que sofriam.

Vê-se, na narrativa, um constante enfrentamento, necessário em meio às inúmeras situações de perpetuações de injustiças e abusos, que continuam presentes na sociedade e, muitas vezes, de forma invisibilizada, por não haver uma devida atenção a tais pautas.

Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

BESSIÈRE, Jean. Centro, centros: novos modelos literários. In: WEINHARDT, M.; CARDOZO, MM. **Centro, centros. Literatura e Literatura Comparada em discussão**. Curitiba: ed. UFPR, 2011.

BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade. In: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 70-104.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MEMMI, A. Retrato do Colonizado. In: MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Civilização Brasileira, 2007. p. 113-157.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, 2017. p. 12-32.

RODRIGUES, Herbert. **A pedofilia e suas narrativas: uma genealogia do processo de criminalização da pedofilia no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro, Rocco: 2000.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, 2006. p. 15-42.